

humanitas



Vol. XXVII-XXVIII

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

HUMANITAS

VOLS. XXVII E XXVIII



COIMBRA
MCMLXXV-MCMLXXVI



por isso que numa miscelânea filológica como esta o interesse se dirija a outros autores que exemplifiquem melhor a presença dos clássicos na Idade Média e no Renascimento, embora no *Africa* de Petrarca seja palpável a influência de Virgílio.

O autor mais antigo estudado aqui é Remigio d'Auxerre, comentador do *De nuptiis Philologiae et Mercurii* de Marciano Capella. Claudio Leonardi mostra como, distanciando-se dos comentadores coevos, perante um texto tão complexo como o *De nuptiis*, Remigio procura entendê-lo, tentando elaborar um comentário contínuo, como de quem compreendeu o significado da obra. Trata-se de uma atitude precursora da filologia humanística. Esta, porém, ajudava a ultrapassar os limites do comentário e instigava à própria criação literária. Este aspecto é abordado por Francesco Tateo num estudo que nos pareceu muito interessante sobre o léxico dos comediógrafos na facecia latina do Renascimento, onde é especialmente objecto de atenção o *De sermone* de Giovanni Pontano, obra sobre a qual Georg Luck escreveu um útil estudo com o título «Vir facetus: a Renaissance Ideal», que o autor não refere. O presente trabalho contrapõe a doutrina do ridículo em Pontano e em Poggio Bracciolini. Ambos se inspiram no modelo plautino, mas enquanto Pontano utiliza um «gioco intellettuale» centrado na palavra e não nos *topica*, Poggio considera que entre a língua latina da comédia de Plauto e o toscano havia uma comunicabilidade, competindo-lhe a ele a «funzione di trascrittore in Latino della facezia toscana» e ainda considerar «i testi dei comici come il corrispettivo del volgare toscano» (pp. 108-109). Estamos no limiar da questão da relação entre a língua vulgar e o latim, aspecto importante e controverso no seio do humanismo, como o autor reconhece. E aí ganha raízes o carácter obsceno das *Facetiae* de Poggio.

A presença dos clássicos da comédia latina fica ainda patenteada num outro trabalho centrado na *Historia de duobus amantibus* de Piccolomini; conforme o autor, Giulielmo Bottari, salienta, Piccolomini manifestava um particular interesse pelo teatro latino e em especial por Terêncio ao tempo em que elaborava a *Historia*: «Tutto nella *Historia* richiama l'urbanitas del commediografo romano, filtrata però attraverso la lezione decisiva di altri testi poetici: Virgilio e Ovidio soprattutto» (p. 126). As relações entre o teatro e a narrativa novelesca foram frequentes no Renascimento, como A. Stäuble já estudou e o autor não esquece.

Um bom exemplo da criação poética por parte de um erudito é-nos dado pela análise que Giacomo Ferrau faz da elegia de Policiano *In violas*, que retoma um tema clássico, embora inserido na área florentina e quatrocentista. Para além de ressaibos petrarquistas, anota o autor a influência de Catulo, Virgílio e Ovidio. São estes os poetas latinos mais frequentemente referidos nos estudos incluídos neste volume, o que revela sem dúvida certa preferência da parte dos humanistas. Uma vez parecem utilizados de uma maneira mais «poética», outras surgem atrás de composições de circunstância, de que é exemplo o poemeto de Gianandrea Ceva em louvor do Banco de Génova, de acordo com o estudo de Cesare Federico Goffis. Por sua vez, o modelo da *epistola amatoriale* das *Heroides* ovidianas vem apontado num outro trabalho sobre Pontano, elaborado por Giulio Puccioni, agora a propósito da carta de Filipe a Faustina, incluída no *Parthenopeus*, livro I, 10. Trata-se de uma poesia que, conforme é salientado, apresenta o sinal de traços das *artes dictandi* medievais e que, como tal, exemplifica a permanência de linhas medievais no humanismo. Mas Pontano imitador de Catulo é ainda o tema do texto

de Adriano della Casa, que estuda as fontes clássicas do poema 2 do livro II dos *Hendecasyllabi*; na p. 268 o autor apresenta uma lista de poetas e prosadores latinos cuja presença verificou no referido poema de Pontano: a primazia vai claramente para Catulo, seguindo-se-lhe Plauto, Propércio e Tibulo.

Os limites entre o exercício do humanista e a criação artística do poeta são muitas vezes difíceis de definir. O presente volume parece patentear-nos ainda mais quanto o humanismo italiano viveu da *imitatio* e da *aemulatio* dos autores antigos. Estes chegaram a constituir modelos exclusivos, como bem o demonstra o estudo de Giuseppina Barabino das fontes clássicas do *Hortulus* de Valafrido Strabone, onde não se encontra planta alguma que não fosse conhecida dos naturalistas antigos; e Plínio, com a *Naturalis Historia*, é a fonte praticamente omnipresente, como salientam os quadros apresentados pela autora. Na verdade, longe do contacto com a outra fonte de incentivos à inovação que é a experiência, o livro de Strabone não ultrapassa a fonte de informação livresca. Garcia de Orta, em contacto com outra realidade bem diferente, oferecerá algo de bastante novo nesse campo. E já foi mostrado pelo prof. Herculano de Carvalho como as línguas europeias receberam algum vocabulário respeitante às «novidades» orientais através da tradução francesa da *História* de Castanheda.

Obviamente este outro horizonte não pertence ao da filologia humanista italiana. Os autores, nas várias monografias deste volume, souberam evidenciar uma particular faceta do humanismo: o aproveitamento dos textos dos autores antigos; o descobrimento dos códices fora já estudado por um outro italiano, Remigio Sabbadini.

Uma lição, enfim, se deve extrair deste conjunto de estudos filológicos: a que aponta para a verificação de que a influência dos clássicos percorre não só os grandes nomes do humanismo italiano, mas também os mais modestos, como esse G. Ceva que elogiou o banco de Génova em termos virgilianos. Para além de tudo o mais, e mesmo para além da possibilidade de um tal assunto servir para a celebração da *virtù* humana, temos de reconhecer que o humanismo foi também uma moda. Conviria, pois, recordar o que Policiano escreveu no prefácio do livro das *Miscelâneas*, dedicado a Lourenço de Médicis.

JORGE A. OSÓRIO

RUDOLF PFEIFFER — *History of Classical Scholarship from 1300 to 1850*.
Clarendon Press — Oxford 1976. ix + 214 pp.

Nesta história do saber adquirido sobre o mundo antigo o Autor faz-nos percorrer cinco séculos e meio de ciência literária europeia. Não fora o risco de certa imprecisão e poder-se-ia dizer que o percurso oferecido ao leitor é o do «humanismo» europeu; com uma condição: a de cingirmos o conceito de «humanismo» ao âmbito restrito do estudo dos textos da literatura clássica e das respectivas línguas. Colocada a questão neste pé, aceitemos a continuidade que indubitavelmente nos

é sugerida pelo Autor ao apresentar a série cronológica dos nomes e eventos que entre 1300 e 1850 eram passíveis de tal encadeamento.

Não sejamos, todavia, infieis aos propósitos do Autor: o livro não se resume a um compêndio ou simples manual cronologicamente organizado, mas oferece o panorama dos problemas que, no referido lapso de tempo, preocuparam os estudiosos dos textos clássicos; dos problemas, das soluções adiantadas e das inovações sugeridas.

A presente obra, que surge associada a uma outra anterior, a *History of Classical Scholarship from The Beginnings to The End of The Hellenistic Age* (cf. *Humanitas* XIX-XX, 1967-68, pp. 403-405), tem a grande qualidade de não pretender lançar pontes frágeis entre esta «história» do saber clássico e as outras «histórias» que também versam o mesmo período temporal. Da mesma forma não se dedica a imaginar outras relações — por exemplo com a «história geral» — que costumam oferecer entrada fácil a inferências ideológicas, as quais por sua vez exprimem mais do autor do que dos factos históricos em si. Estas «qualidades» concedem à presente obra ainda uma outra: a sua utilidade. Não evitam contudo certas zonas menos iluminadas neste universo da ciência clássica e da maneira como se foi ela definindo quase até nossos dias.

Se as datas escolhidas como térmicos foram 1300 e 1850, os nomes que marcam esses limites são Petrarca e Mommsen. A diferença entre a atitude do poeta italiano perante o texto antigo e a do sábio alemão manifesta bem o caminho percorrido por esta «história da erudição e do saber escolares da Europa». É que — e este pensamento, se bem que implícito, não está explicitado — o saber clássico europeu foi essencialmente fruto da instituição docente. Petrarca, admitido como seu iniciador, não esteve ligado directamente à docência, como também não estiveram alguns dos primeiros humanistas italianos, mas a segunda geração de humanistas aparece-nos já relacionada com o ensino, a ponto de que alguns são indissociáveis da história da pedagogia.

A partir daí a ciência clássica percorre as sendas que passavam pelas instituições escolares, ora preferindo o colégio humanista, conciliando a sua própria inovação com a deste, ora voltando à universidade ao longo do séc. XVII. A grande estrada, porém, que utilizou — e que parece ter sido aberta propositadamente para si ... — foi a edição tipográfica que a imprensa lhe ofereceu desde a segunda metade do séc. XV. Os itinerários — as histórias — de ambas vão progredir em paralelo, a ponto de que a história da crítica textual se pode considerar um dos frutos científicos mais importantes do história do livro.

Apesar disso, a história da ciência clássica não constituiu — nem humanamente poderia constituir — uma linha de perfil nítido e perfeito: as polémicas, os acidentes violentos da história religiosa, política e social, o peso variável das próprias personalidades marcaram-lhe os altos e os baixos, as fases iluminadas e as zonas obscuras.

Por vezes o Autor passa um pouco ao lado dessa «palpitação» histórica. Afirma-se-nos que tal sucede por exemplo acerca de Erasmo, sobre quem o Prof. Pfeiffer escreveu vários trabalhos dedicados quer à unidade da obra espiritual de Erasmo, quer às modificações dos *Antibarbari libri*, escritos na juventude mas só editados mais tarde. É verdade que o grande conhecimento que Erasmo possuía das «humaniores litterae» — esses textos que ajudavam o homem a ser menos identificado com

os restantes animais — lhe valeu a admiração dos contemporâneos. Mas Erasmo, apesar das afirmações em contrário, era orgulhoso desse prestígio, que o tornara solicitado pelos monarcas europeus, incluindo D. João III. E tinha motivos para tais sentimentos, porque toda a sua vida fora de trabalho, no meio de livros, manuscritos e de uma enorme correspondência epistolar.

Mas uma obra tão extensa, toda ela escrita num latim que, em tempos de verdadeiro «signo de latim», fazia a inveja do mundo culto, não podia deixar de causar também reacções menos favoráveis. Uns, como Lutero, iam ao ponto de lamentar num cristão um tão grande saber, em prejuízo da fé; outros, como Juan de Valdés, liam-no mais como teólogo do que como erudito; outros enfim, apesar de lhe condenarem as obras, iam-lhe aceitando os escritos de retórica, pela clareza das ideias e simplicidade pedagógica dos exemplos.

Nesta perspectiva não nos parece que a afirmação produzida pelo Autor sobre a influência «immensely strong» (p. 82) da obra de Erasmo, tanto no seu tempo como nos séculos seguintes, se deva ler sem algumas restrições. Não pensamos no caso peninsular, onde a actuação sistemática da Inquisição a reduziu ou diluiu no seio de outras linhas de pensamento — e a obra de Marcel Bataillon o evidencia —, mas temos em mente o caso francês, onde nem todos os meios cultos receberam incondicionalmente a obra erasmiana. Como que a comprovar exactamente esta perspectiva, o Autor fundamenta o seu ponto de vista essencialmente em exemplos germânicos. Assim, o próprio título do cap. VIII «Autour d'Érasme» — aproveitado da obra de Louis Bouyer — é elucidativo a esse respeito. Os autores referidos pelo Prof. Pfeiffer eram predominantemente do Norte e Centro da Europa, o que é natural, dadas as circunstâncias que rodearam a segunda parte da vida do holandês. E é sabido como este viveu muito de uma roda ou círculo de eruditos que eram ao mesmo tempo discípulos e amigos, quando não sucedia começarem por aquilo para virem a acabar na amizade. Damião de Góis foi o português que mais usufruiu da *amicitia* erasmiana e — o que não deixa de ser interessante — a sua correspondência em latim mostra-no-lo em ligação com esses eruditos «germânicos» da roda de Erasmo, apesar da edição de 1544 não incluir carta alguma trocada com este.

O grande humanista holandês morre em 1536; discípulo e aproveitador das investigações de Lorenzo Valla sobre o texto bíblico — Luis Vives não se equivocava quando expressamente o escrevia —, deixava atrás de si a edição do *Novo Testamento* (1516) que, anota o Autor, constitui um ponto importante da história da ciência da crítica textual. E no entanto esse texto, como outros que o afã editorial de Erasmo trouxera a público, não merecera o aplauso incondicional de toda a gente. É que o holandês não conhecera todos os manuscritos que as pesquisas laboriosas (e caras) dos italianos haviam feito desenterrar das «livrarias» dos conventos, onde se guardaram durante séculos. Não há dúvida, porém, de que Erasmo foi um grande cabouqueiro da crítica textual, o primeiro grande explorador das potencialidades da nova arte da impressão. Muitos dos que vieram depois continuaram a sua obra e, através dela, a dos italianos.

No entanto, a partir da segunda metade do séc. XVI, coincidindo com o que Jean Jehasse chama o «renascimento da crítica», a ciência clássica vai avançar ao longo do séc. XVII quer com a interpretação e comentário de escritos doutrinários como a *Poética* de Aristóteles, quer com o incremento da edição de textos gregos,

quer com a definição de critérios e metodologias. Com os estudos sobre o texto bíblico mais adiantados, se assim se pode falar, do que os dedicados aos textos clássicos — o que se afigura compreensível no contexto da nova «geografia religiosa» que na Europa se ia desenhando —, a erudição clássica aproxima-se da «Textgeschichte» (p. 130) em finais do séc. XVII. O séc. XVIII, mercê sobretudo da investigação germânica, irá caracterizar-se pelo «Neohelenismo», em que avulta a obra de Winkelmann; acentua-se assim a ideia já adiantada por J. J. Escalígero de que o mundo antigo deve ser considerado como um todo, englobando todos os aspectos, incluindo a religião. O Autor chama justamente a atenção para a importância que, para esta *Altertumswissenschaft*, tiveram os *Prolegomena ad Homerum* de Friedrich Wolf, publicados em 1795.

Um longo caminho fora entretanto percorrido, desde Francesco Petrarca. Um percurso recheado de pormenores tantas vezes significativos do interesse dos homens eruditos pelo mundo antigo, como testemunham manuscritos hoje conservados e que pertenceram ao próprio Petrarca, alguns dos quais viriam a passar por mãos de outros grandes humanistas, como Valla; códices que guardam ainda as notas marginais dos seus possuidores e que, em muitos casos, constituem hoje espólios preciosos de algumas bibliotecas. Além disso, o amor pelo texto antigo e pela sua publicação era tal que por vezes ultrapassa a linha mais característica de um autor; assim sucede com a primeira edição tipográfica da *Geografia* de Ptolomeu feita em Basileia, em 1533, por Erasmo, que utilizou um manuscrito antes pertencente a Pico della Mirandola.

Entretanto a cultura clássica ultrapassava o só interesse pela sonoridade do latim clássico, afastando-se de mitos «medievais» como o do «Virgilius christianus» ou de Séneca correspondente epistolar de S. Paulo. Ao longo de todo esse caminho a erudição clássica foi conseguindo vencer os preconceitos cristãos que identificavam a cultura antiga com o paganismo e, portanto, dificultavam o seu estudo. O «Sancte Socrates ora pro nobis» num dos *Colóquios* de Erasmo é bem o símbolo dessa orientação.

Na parte final do seu livro, o Prof. Pfeiffer recorda a recuperação da importância do Latim nos estudos clássicos em meados do séc. XIX, graças principalmente à obra de Karl Lachmann. Fica, evidentemente, de fora o papel decisivo que a arqueologia veio desempenhar no aprofundamento da *Altertumswissenschaft*. De permeio foram apontados os nomes e as obras de Policiano, Salutati, J. C. Escalígero, Richard Bentley, Niebuhr, Droysen e muitos outros. Mais para trás ficavam os anónimos frades que, apesar do pecado da «corruptio», copiaram pacientemente muitos dos textos que os humanistas italianos e os investigadores seguintes tiveram a sorte de encontrar. Todos preparam o terreno para a actual ciência clássica que, para além da diversidade de concepções e métodos que a caracterizam, continua a linha da *Altertumswissenschaft*. Poder-se-ia falar, pois, numa *translatio studii* ao longo deste séculos. E se o único português referido por Pfeiffer é Aires Barbosa, iniciador do ensino do Grego entre nós nos começos do séc. XVI, outros haveria que incluir numa *História da Cultura Clássica* que se prolongasse até nossos dias; como que a revelar que a lição de Wilhelm von Humboldt não ficou perdida.

LIVROS RECEBIDOS